

Indústria de transformação no Rio Grande do Sul

Jorge da Silva Accurso

A indústria de transformação do Estado, no período de janeiro a agosto, apresentou uma queda de 0,5% na produção física. Em que pese ao resultado negativo, a indústria de transformação vem tendo uma relativa recuperação a partir do mês de fevereiro, quando cessou o movimento descendente da produção. A partir do mês de junho, contudo, já se obtêm taxas mensais positivas, sendo de 12,7% em agosto (Tabela 5). Com isso, é bastante provável que o desempenho da indústria seja igual ou pouco superior ao verificado no ano anterior. A recuperação da atividade fabril pode ser constatada ao se utilizarem outros indicadores.

Segundo o Índice de Desempenho Industrial — indicador composto —, elaborado pelo CEAG/RGS, a atividade fabril rio-grandense vem apresentando recuperação também a partir do mês de fevereiro, quando era de -7,5%, e já em julho era de -2,2%. Ao se observar a evolução das vendas acumuladas, tem-se o mesmo comportamento; em fevereiro era de -11,6% e em julho, de -0,8% (Tabela 6).

Tabela 5

Índices da produção da indústria de transformação
do Rio Grande do Sul — 1988

MESES	ACUMULADO (1)	ACUMULADO EM 12 MESES (2)	MENSAL (3)
Jan.	90,66	98,21	90,60
Fev.	92,50	96,65	94,27
Mar.	96,40	95,58	103,34
Abr.	96,01	94,46	94,97
Mai	96,39	94,12	97,79
Jun.	97,17	93,92	100,55
Jul.	97,74	94,69	101,22
Ago.	99,51	93,37	112,73

FONTE: IBGE.

(1) **Índice acumulado:** reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior. (2) **Índice acumulado em 12 meses:** reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos 12 meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior. (3) **Índice mensal:** reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Tabela 6

Evolução acumulada, em relação ao mesmo período do ano anterior,
do Índice de Desempenho Industrial, das vendas, das compras
e do salário médio da indústria de transformação do
Rio Grande do Sul — 1988

	(%)						
DISCRIMINAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL
IDI	-10,1	-9,9	-7,5	-6,6	-4,5	-3,3	-2,2
Vendas	-10,3	-11,6	-5,2	-7,1	-4,9	-2,3	-0,8
Compras	-19,4	-23,2	-19,4	-16,0	-8,8	-7,3	-5,6
Salário médio	-14,4	-10,3	-8,5	-6,5	-5,2	-4,3	-2,7

FONTE: IDERGS/CEAG.

Ao se avaliar o nível de utilização da capacidade instalada da indústria gaúcha, constata-se a relativa recuperação da atividade comparativamente ao desempenho do ano passado. No segundo trimestre de 1988, a utilização média dos equipamentos era de 76% contra 78% do trimestre anterior e 74% do mesmo período de 1987. Deve-se fazer a ressalva de que, em razão da retração dos investimentos, público e privado, e também em razão da retração no mercado de imóveis, as indústrias de bens de capital e de material de construção estão operando com uma ociosidade maior em 1988, se comparada a do ano anterior. Observando-se a evolução do emprego industrial, constata-se um crescimento médio de 0,3% no primeiro semestre de 1988, em relação ao mesmo semestre do ano anterior. Analisando esses dados na Tabela 8, verifica-se que o acréscimo no emprego inicia a partir do mês de maio, enquanto, nos quatro primeiros meses do ano comparados com idêntico período de 1987, havia uma queda média de 0,8%. Como se constata, as variações nos números de emprego são bastante modestas, o que revela a estabilização dessa variável.

A análise desses indicadores revela um movimento de recuperação da economia gaúcha, a exemplo do que ocorre a nível nacional. Esse desempenho está refletindo a vigorosa expansão das exportações e também a recuperação dos preços agrícolas, o que tem criado um relativo crescimento na demanda de produtos industriais. Contudo deve-se salientar que a recuperação da produção industrial que se esboça é bastante frágil. Essa fragilidade se deve ao desarranjo por que passa a economia brasileira ao longo desta década, onde a gestão das dívidas externa e interna tem comprometido o investimento. Vinculada a essa questão, a debilidade do Governo Federal em propor uma política econômica comprometida com o longo prazo aguça a crise econômica, postergando, com isso, a retomada dos investimentos.⁴ Esse quadro faz com que, no curto prazo, se observem aceleração do processo inflacionário, queda no poder de compra dos salários, retração no consumo doméstico e estancamento da criação de novos postos de trabalho na quantidade necessária para absorver o crescimento da População Economicamente Ativa. Desse modo, a não-existência de uma política de longo prazo faz com que todas as decisões — tanto na esfera pública como na privada — fiquem circunvagantes às oscilações da conjuntura. Como não poderia deixar de ser, esse quadro propicia previsões de curto prazo bastante mutáveis em relação à produção industrial. Com isso, a recuperação da indústria de transformação que se verifica deve-se em grande parte, como já foi dito, ao vigoroso crescimento das suas exportações, que, no período de janeiro a julho, tiveram um crescimento de 45,8%. Todavia qualquer alteração no cenário internacional poderá afetar essa "performance", que, associada aos atuais estrangulamentos do mercado interno, comprometerá o crescimento global da atividade fabril.

Por outro lado, os resultados da produção industrial até o mês de agosto deveram-se, em parte, à base de comparação. O primeiro semestre de 1987 caracterizou-se por contemplar os derradeiros estímulos do Plano Cruzado, fazendo que esses seis primeiros meses fossem os de maior

⁴ Tomando-se as taxas nacionais de investimento em relação ao PIB dos anos 80 em comparação com as da década passada, constata-se a sua queda. Enquanto na década de 70 a taxa média dos investimentos era de 22,9% a a, no período de 1980 a 1987 foi de 18,1%.

nível de produção em relação aos outros primeiros semestres da década. Ao se comparar a produção industrial de 1988 com a de 1987 no período referido anteriormente, têm-se "resultados negativos". Claro está que não se pode atribuir somente à base de comparação a queda da produção. O que se quer chamar atenção, entretanto, é para o fato de que o patamar em que se encontra a produção da indústria gaúcha é superior aos dos anos de 1984, 1985, 1986, períodos caracterizados pela expansão da atividade (Tabela 9).

Tabela 7

Utilização da capacidade instalada da indústria do Rio Grande do Sul — 1987/88

	1987				1988		(%)
DISCRIMINAÇÃO	1º Trim.	2º Trim.	3º Trim.	4º Trim.	1º Trim.	2º Trim.	
Indústria de transformação	83	74	81	73	78	76	
Bens de capital	92	69	82	56	67	63	
Bens de consumo	82	71	80	77	79	80	
Bens de consumo intermediário	83	82	88	80	84	86	
Material de construção	80	79	80	71	79	71	

FONTE: SONDAGEM CONJUNTURAL 1987 (1987). Porto Alegre, FEE.

SONDAGEM CONJUNTURAL 1988 (1988). Porto Alegre, FEE. 1/2 trimestr.

Tabela 8

Pessoas ocupadas na indústria de transformação da Região Metropolitana de Porto Alegre — 1987/88

MESES	1987	1988
Jan.	304 664	304 464
Fev.	301 600	294 765
Mar.	300 776	300 478
Abr.	300 603	298 570
Mai	314 835	315 743
Jun.	304 748	318 298
Jul.	296 364	-
Ago.	294 107	-
Set.	301 633	-
Out.	311 537	-
Nov.	319 891	-
Dez.	307 009	-

FONTE: IBGE.

Tabela 9

Taxa de crescimento do ano e índices médios da produção da indústria de transformação do Rio Grande do Sul — 1983/88

ANOS	ÍNDICES MÉDIOS		TAXA DE CRESCI- MENTO DO ANO (%)
	1º Semestre	2º Semestre	
1983	101,00	106,3	-4,2
1984	113,5	104,6	5,2
1985	108,8	112,5	1,3
1986	115,8	133,1	12,4
1987	126,2	120,9	-0,6
1988	122,5	-	-

FONTE: IBGE.

NOTA: Foi utilizado o índice de base fixa 1981=100.